

## ENTRE O MITO E O DESENCANTAMENTO: A RELIGIÃO EM WEBER, ADORNO E HORKHEIMER\*

### BETWEEN MITH AND THE DISENCHANTMENT: THE RELIGION IN WEBER, ADORNO AND HORKHEIMER

*Sérgio Sezino Douets Vasconcelos (UNICAP/Brasil)\*\**

*Hélio Pereira Lima (UNICAP/Brasil)\*\*\**

#### RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a relação de afinidade nos pensamentos de Weber, Adorno e Horkheimer, com relação ao desencantamento do mundo. Em vista desse objetivo, o percurso da investigação tomará como pedra de toque a questão da racionalização ocidental para demonstrar que, mesmo percorrendo caminhos distintos para apreender os pressupostos teóricos do mundo moderno, a conclusão de ambos sobre os destinos dessa sociedade resguarda assimetria, sobretudo no que diz respeito às consequências do processo de racionalização para a religião. Julgamos que a tematização dessa afinidade é importante porque pode ajudar na compreensão do problema da secularização e da crise de sentido na contemporaneidade.

#### ABSTRACT

The objective of this article is to discuss the affinity relationship present in Weber, Adorno and Horkheimer's thoughts regarding the disenchantment of the world. With this intention, the

---

\* Uma parte deste trabalho foi apresentado na forma de comunicação no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016, na UNICAP/PE.

\*\* Professor dos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião, mestrado e doutorado, e Teologia, mestrado, da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4339279132579440>. E-mail: [douets@unicap.br](mailto:douets@unicap.br).

\*\*\* Doutorando em Ciências da Religião, na UNICAP; Mestre em Filosofia e professor de Filosofia da UNICAP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0252560264695271>. E-mail: [hlima@unicap.br](mailto:hlima@unicap.br).

starting point will be the occidental rationalization to demonstrate that even taking distinct paths to learn the theoretical assumptions of the modern world, the conclusion of both regarding society's fate cover asymmetry, above all with respect to the consequences of the process of religion's rationalization. We believe that this affinity subject is important because it can help comprehend the secularization problem and the meaning crisis in contemporaneity.

## 1 INTRODUÇÃO

Permanecem indispensáveis as contribuições de Max Weber, Theodor Adorno e Max Horkheimer para se compreender a formação cultural das sociedades atuais, não apenas pela originalidade das suas análises em relação às mudanças nas estruturas política, econômica e cultural do Ocidente moderno, mas, sobretudo, porque franqueiam uma chave de leitura da modernidade não tributária da perspectiva idealista, da qual subjaz a ideia de progresso e, junto com ela, a de emancipação do homem em relação ao suposto domínio da irracionalidade da religião. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é colocar em discussão algumas ideias de Max Weber sobre a religião e a modernidade, em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”<sup>1</sup>, e confrontá-las às de Adorno e Horkheimer, na “Dialética do Esclarecimento”<sup>2</sup>, para verificar se há relação de afinidade entre o conceito de mito e o de “desencantamento do mundo”. Tal confronto pretende colocar em discussão uma outra abordagem sobre as consequências do processo de racionalização ocidental para a religião.

Weber, mediante o conceito de desencantamento do mundo, e Adorno e Horkheimer, a partir da identificação do esclarecimento com o mito, veem a racionalização ocidental como um processo vertiginoso em direção a um destino inescapável de completa perda de sentido para a existência humana, pois os conteúdos valorativos da tradição, que conferiam inteligibilidade e sentido ao mundo e que eram de natureza metafísico-religiosa<sup>3</sup>, foram substituídos pelas estruturas formais da racionalidade

---

<sup>1</sup> Doravante, “A ética protestante e o espírito do capitalismo” será referida como “A ética”

<sup>2</sup> Para referência à “Dialética do esclarecimento” será utilizada a sigla “DE”.

<sup>3</sup> Se a gênese histórica da civilização moderna pode ser estudada sob vários ângulos, “Um desses ângulos, sem dúvida um ângulo privilegiado, é aquele que considera a modernidade nas suas relações com a religião, pois este parece ser o primeiro ciclo civilizatório na história que se estrutura quase programaticamente como civilização não-religiosa.” (VAZ, 1988, p. 46). Ver também Lima Vaz, (2015, p. 54)



lógico-matemática, que circunscrevem justificação e plausibilidade no âmbito mesmo da ciência e da técnica modernas.

Sob esse aspecto, tanto na perspectiva weberiana quanto na desses frankfurtianos, é possível perceber que eles concebem a modernidade como resultado de um longo processo de desenvolvimento histórico-social que está ancorado na progressiva extensão, para o conjunto da sociedade, de um modelo de racionalidade técnico-científica e que a força dessa racionalidade reside na autonomia do indivíduo, que determina, a partir de si mesmo e do seu próprio interesse<sup>4</sup>, a finalidade da ação. Foi o que Weber denominou de “racionalidade com relação a fins” (*Zweckrationalität*) e Adorno e Horkheimer, por sua vez, de racionalidade instrumental, denominação que foi seguida pela Escola de Frankfurt (LÖWY, 2014, p. 117s). O avanço dessa forma de racionalidade provocou a clivagem na forma de representação simbólico-normativa da sociedade, que resultou numa pluralidade normativa de orientação do agir social, o que trouxe como consequência a perda progressiva da unidade de sentido e de orientação do indivíduo na sociedade moderna.

Nessa perspectiva, pretende-se analisar até que ponto o avanço da racionalidade formal representou mais que uma ruptura com a razão substancial, que se expressava por meio dos conteúdos normativos da religião, que, por sua vez, legitimava o *ethos* Ocidental, ao tempo em que conferia unidade de sentido à existência humana. Dito de outra forma, trata-se de verificar se a perda da unidade do referencial axiológico, que orientava o homem na sua relação com a natureza, para a produção e a reprodução da vida; no exercício do poder, assentado no mandamento divino; e na manutenção dos valores da tradição, que regulavam o lugar que cada um deveria ocupar na sociedade, em estrita obediência à ordem estabelecida, resultou na perda de sentido, representada pelo advento da pluralidade de valores.

À luz desses pressupostos, será feito um breve percurso nos caminhos traçados por Weber, em “A ética”, e por Adorno e Horkheimer, na “DE”<sup>5</sup>, para verificar se existe

---

<sup>4</sup> Adorno e Horkheimer (1985) cunharam a expressão “sujeito autocrático” para designar o indivíduo moderno que a tudo submete ao seu domínio. Ver “DE”, principalmente, o Excurso II, “Juliete ou Esclarecimento e Moral”.

<sup>5</sup> Publicada em 1947, por Theodor Adorno e Max Horkheimer, a “DE” é um marco no pensamento da escola de Frankfurt, porque analisa, o “colapso da civilização burguesa” e a “transição para o mundo



convergência na conclusão deles quanto aos destinos da sociedade moderna, não obstante tenham partido de perspectivas de análises distintas sobre o processo de racionalização ocidental. Nesse sentido, será ressaltada a importância do que eles deixaram como herança em termos de um arcabouço conceitual sociofilosófico indispensável à compreensão das mudanças sucedidas na estrutura simbólico-normativa da contemporaneidade, provocadas com o advento do capitalismo moderno, “[...] a força mais significativa de nossa vida moderna.” (WEBER, 1997, p. 4). A partir da análise desse arcabouço, pretende-se contribuir para uma melhor compreensão da crise de sentido da modernidade e ampliar o debate em torno da questão do desencantamento do mundo e das suas consequências para a religião.

Para efeito de maior clareza no percurso da exposição da temática, o trabalho está estruturado em dois momentos. No primeiro, vai-se discorrer sobre o desencantamento do mundo, em Max Weber, para tentar mostrar como esse processo resultou na perda dos referenciais simbólicos de sentido, constitutivos da civilização ocidental, ao mesmo tempo que o progresso da racionalidade técnico-científica, na sua crua imanência, fez dos bens materiais valor supremo, em prejuízo da precedência dos valores comunitários e fraternos, vindo a moldar um estilo de vida no qual a ordem econômica, a ciência e a técnica tornaram-se o padrão e a medida de valor que norteia a sociedade de consumo, pois, como afirma Weber (1997, p. 34), “[...] o capitalismo, atualmente guiando a liderança da vida econômica de que necessita, pela seleção econômica dos mais aptos – escolhe os empreendimentos e trabalhadores de que tiver necessidade.”

No segundo momento, a partir das contribuições de Adorno e Horkheimer, o processo de racionalização ocidental será analisado como um movimento dialético que visa a alcançar o pleno “esclarecimento”; porém o destino das “luzes” foi ser absorvido pelo encanto a si mesma. As expressões mais visíveis desse movimento estão na tentativa de fuga do controle das potências míticas e no domínio exercido sobre as forças irracionais da natureza. No entanto, o progresso do conhecimento revelou que a razão

---

administrado”, à luz das barbáries perpetradas pelo “terror nacional-socialista” e o comunismo russo, sob a ditadura stalinista. À guisa de resposta ao porquê da reedição do livro, em 1969, eles afirmaram que “[...] decorridos mais de vinte anos, não somos movidos apenas pelas múltiplas solicitações, mas pela crença de que não poucos pensamentos ainda são atuais e têm determinado em larga medida nossos esforços teóricos ulteriores.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 9).



é, ela mesma o reflexo do outro que foi negado: o mito. Isto é, o mundo desencantado, que deveria tornar os homens senhores dos seus destinos, é o mundo reificado e administrado pela razão calculadora. O avanço da ciência moderna é o que torna os homens prisioneiros do progresso engendrado pelo mito da razão esclarecida.

## 2 WEBER E O DESENCANTAMENTO DO MUNDO

As análises sobre a sociedade ocidental moderna, de um modo geral, sempre veem a época do Iluminismo como aquele marco histórico no qual as novas forças econômico-sociais jogaram fora o jugo da dominação do *ancien régime*. A Igreja e a monarquia, representantes mais conspícuos dessa dominação, vão sendo exoneradas da possibilidade de demarcarem o novo quadro simbólico-normativo da sociedade. Por conseguinte, com a mudança do marco institucional, um “projeto de modernidade”<sup>6</sup> vai-se sedimentando como configuração histórica atual e outros mecanismos de legitimação social tornam-se evidentes, à medida que substituem, progressivamente, aqueles de caráter metafísico-religioso, que conferiam a unidade de sentido ao Ocidente.

Em Hegel, o espírito dessa nova era é expresso com entusiasmo quase messiânico, como um “[...] sol nascente, que revela num clarão a imagem do mundo novo.” (HEGEL, 1992, p. 26). O “mundo novo” nada mais é do que o resultado de um longo processo histórico, denominado por Weber de racionalização<sup>7</sup>. Esse processo de racionalização objetiva-se por meio da expansão progressiva, para o conjunto da

---

<sup>6</sup> Esse conceito é de Habermas (1992, p. 110). Para ele, “[...] o projeto da modernidade, formulado no século XVIII pelos filósofos do Iluminismo, consiste em desenvolver imperturbavelmente, em suas respectivas especificidades, as ciências objetivantes, os fundamentos universalistas da moral e do direito e a arte autônoma, mas ao mesmo tempo consiste também em liberar os potenciais cognitivos assim acumulados de suas elevadas formas esotéricas, aproveitando-os para a prática, ou seja, para uma configuração racional das relações de vida.”

<sup>7</sup> Não há consenso entre os intérpretes de Weber quanto ao significado do conceito de racionalidade. Ele próprio afirma que pode significar coisas bem diferentes” (WEBER, 1974b, p. 337). Colliot-Thélène, por exemplo, diz que “A tudo isto se soma, para tornar definitivamente impossível uma definição unívoca do racional, o antagonismo das escalas de valor últimas, ou seja, a heterogeneidade irreduzível dos fins em função dos quais medimos a racionalidade de uma prática.” (1995, p. 79). Para Habermas, o sentido que subjaz a tal conceito reside numa “[...] expansão do conhecimento empírico, da capacidade preditiva, do domínio instrumental e organizacional dos processos empíricos”, para toda sociedade. (HABERMAS, 1984, p. 159).



sociedade, de um modelo de racionalidade: racionalidade com relação a fins (*Zweckrationalität*). Nesse sentido, a racionalização ocidental pode ser definida como:

Aquele grande processo histórico-religioso da eliminação da magia do mundo, que começara com os velhos profetas hebreus e conjuntamente com o pensamento científico helenístico, [que] repudiou todos meios mágicos de salvação como superstição e pecado, chega aqui à sua consumação (WEBER, 1997, p. 72).

Pode-se inferir da afirmação acima que os conceitos de “racionalização” e de “desencantamento do mundo” são indispensáveis para se aproximar das análises de Weber sobre a sociedade ocidental moderna. Ao mesmo tempo que ocupam o centro das suas análises sobre a religião, em função do sentido análogo que abrigam com relação às representações de mundo que informam o *ethos* moderno.

Sob esse aspecto, caberia lembrar que o processo de racionalização das esferas sociais elaborado por Weber paga tributo à filosofia de Kant<sup>8</sup>, para quem, a razão é una, mas atua nas diversas áreas de seu interesse, a saber: conhecimento, ação e arte. Para Weber, a razão substancial<sup>9</sup>, que se expressava nas imagens religioso-metafísicas do mundo, cindiu-se em unidades autônomas, tornando-se concreta para poder operar no domínio do calculável. Agora, essa mesma razão se transmuda em racionalidade com relação a fins, segundo Marcuse<sup>10</sup>. Em virtude de as imagens do mundo estarem fragmentadas, seus problemas internos de justificação ficam cindidos entre pontos de vista específicos da verdade, da justeza normativa, da autenticidade

---

<sup>8</sup> As áreas de interesse da razão estão expressas nas três críticas de Kant: “Crítica da Razão Pura”, conhecimento científico; “Crítica da Razão Prática”, agir moral; e “Crítica do Juízo”, questões dos juízos estéticos.

<sup>9</sup> A razão substancial se expressava nas imagens do mundo religioso-metafísicas. Na análise weberiana, ela perdeu sua unidade e foi cindida em três momentos distintos. “Uma vez que as imagens do mundo se desagregam e os problemas legados se cindem entre pontos de vista específicos da verdade, da justeza normativa, da autenticidade ou do belo, podendo ser tratados, respectivamente, *como* questão de conhecimento, como questão de justiça e como questão de gosto, ocorre nos tempos modernos uma diferenciação de esferas de valor: ciência, moral e arte.” (HABERMAS, 1992, p. 110).

<sup>10</sup> “A razão abstrata se torna concreta do *domínio* calculável e calculado sobre a natureza e sobre os homens. Assim, a razão focalizada por Weber se revela como *razão técnica*: produção e transformação de material (humano e de coisas) por meio do *aparato* construído metódica e cientificamente com vistas à eficiência calculável, cuja racionalidade organiza e controla coisas e homens, fábrica e burocracia de funcionários, trabalho e tempo livre.” (MARCUSE, 1998, p. 117, grifo do autor).





ou do belo, e serão ajuizadas como questão de conhecimento, de justiça e de gosto, respectivamente.

O processo de racionalização, à medida que absorve as esferas da cultura e da sociedade, é ominoso<sup>11</sup>. Sua objetivação pode ser vista através da autonomização das ciências empíricas, da arte, da moral e do direito, que se autofundamentam por leis que lhes são próprias. Mas não só. Ele penetra também nas motivações valorativas das pessoas e nos sistemas centrais de ação que fixam a estrutura da sociedade e dão origem à modernização da sociedade como um processo do qual emergem as corporações capitalistas e o Estado burguês. Em suma, ao promover o desencantamento do mundo, o processo de racionalização retirou o poder instituidor de sentido que a religião detinha, em razão da sua capacidade de ordenar a diversidade de perspectivas e de interesses da sociedade num universo simbólico normativo de legitimação. Agora, livre do peso das significações impostas pela tradição, a busca de sentido se desloca da esfera da transcendência religiosa para o sentido, que é inerente à ação intramundana.

Cabe lembrar que o conceito de racionalização elaborado por Weber está livre da ideia de progresso e das correntes históricas que marcaram o século XIX<sup>12</sup>, pois, como afirma Catherine Colliot-Télène, “O empirismo de que reclama Weber impede-o de apelar a entidades semelhantes a ‘forças’ ou ‘tendências’ do evolucionismo, assim como ao ‘espírito’ das concepções idealistas do progresso.” (1995, p. 75). Em função dessa assunção metodológica, a racionalização não poderia ser reduzida a uma mera oposição histórica<sup>13</sup> por meio da qual o surgimento e o desenvolvimento do método científico foram, aos poucos, tirando o véu da religião, que impedia o livre exercício da razão. Ou seja, o processo de racionalização é algo inerente à própria religião. E mais, a magia já carrega consigo sua própria racionalidade, pois o interesse do mago tem como fim o controle das forças anímicas da natureza. Portanto, o conceito de

---

<sup>11</sup> O impacto, o alcance e os efeitos de desestruturação da cultura moderna causados pela ciência e a técnica estão bem esclarecidos em Jean Ladrière (1979).

<sup>12</sup> Habermas tem em conta que, entre os sociólogos clássicos, Weber foi o único que abandonou as premissas da filosofia da história, ao abraçar a tese de que a modernização da Europa é o resultado do histórico processo de racionalização. (HABERMAS, 1984).

<sup>13</sup> Segundo Adorno, o pensamento de Weber se revela “[...] como uma terceira via para além da alternativa entre positivismo e idealismo.” (ADORNO, 2009, p. 144).



racionalização da religião em Weber não coloca em campos opostos sagrado e profano, ciência e religião<sup>14</sup>. Isso posto, o processo de racionalização parte da necessidade que têm as religiões monoteístas, de modo especial o judaísmo, de substituir o relacionamento com o sagrado, com base na coerção da divindade, intrínseco à magia, por um de compromisso entre Deus e aqueles que seguem os seus mandamentos. Dito de outro modo, racionalização como passagem de uma justificação mágica do mundo, para a busca de um conhecimento racionalmente motivado da natureza e uma explicação ética da vida. Sob esse aspecto, trata-se de uma religião cuja base se assenta numa missão de caráter ético.

Para Weber, o processo de racionalização, que substitui a cosmovisão metafísico-religiosa do mundo, abarca todas as esferas do agir social (econômica, política, jurídica e de dominação) e as torna autônomas. Sob esse aspecto, elas seguem leis de desenvolvimento que lhes são próprias e que estão, por vezes, em conflitos irreconciliáveis entre si. Nesse mundo desmagificado, a ciência elaborou uma metodologia empírica que emula o mecanismo causal de funcionamento de um mundo desencantado, com a finalidade de conhecê-lo e transformá-lo, mediante a técnica; a economia organizou-se, funcionalmente, por meio da divisão do trabalho, das relações de classes e da instituição da moeda como forma universal de troca de equivalentes, para garantir o controle do mercado; o Estado estruturou-se sob a proteção do manto do direito positivo burguês, cujas leis impessoais asseguram o funcionamento da burocracia e o monopólio do uso da força. Isto é, “[...] todo o curso das funções políticas internas do Estado, da justiça e administração, é regulado repetidamente e inevitavelmente pelo pragmatismo das ‘razões de Estado’.” (WEBER, 1974c, p. 382-383). Em suma: o conjunto das esferas conquistaram autonomia e se desenvolveram livres dos limites impostos pelo *pathos* religioso.

---

<sup>14</sup> Segundo Flávio Pierucci, “[...] desencantamento em sentido técnico não significa perda para a religião nem perda de religião, como a secularização, do mesmo modo que o eventual incremento da religiosidade não implica automaticamente o conceito de reencantamento, já que desencantamento em Weber significa um triunfo da racionalização religiosa: em termos puramente tipológicos, a vitória do profeta e do sacerdote sobre o feiticeiro: um ganho em religião moral, moralizada, isto é, expandida em suas estruturas cognitivas e fortalecida em sua capacidade de vincular por dentro os indivíduos.” (2013, p. 120).





É possível observar da análise de Weber sobre a modernidade que a desintegração da cosmovisão religiosa provocou uma tensão entre as diversas esferas de valor em razão, fundamentalmente, da perda daquela unidade simbólica de sentido que somente a religião fora capaz de conferir às formas de vida em sociedade. Para dizer de outro modo, a justificação de cada área só tem validade normativa interna a ela mesma e não há nenhuma forma de justificação capaz de transitar de um domínio para outro de modo a ampliar o espectro dessa legitimação. A pluralidade torna-se a regra e os padrões de justificação terão que ser sempre “fundamentados” na singularidade e na particularidade de cada domínio. A própria fundamentação científica vai padecer dos mesmos limites de justificação das outras esferas de valor: seus embasamentos não podem ser provados. Mas não só, “De um ponto de vista puramente ético, o mundo deve parecer fragmentário e sem valor sempre que julgado a luz do postulado religioso de um ‘significado’ divino da existência.” (WEBER, 1974c, p 408).

O que se pode deduzir dessa afirmação de Weber é que o processo de racionalização do mundo ocidental, cujo ponto de partida estava na necessidade de as religiões monoteístas substituírem a coação mágica pela relação de submissão e compromisso ético-religioso com a divindade, favoreceu, à guisa de um efeito colateral, o avanço da secularização e o aumento desmesurado da precedência dos bens materiais sobre os valores de fraternidade. Efeito que desencadeou uma erosão progressiva no sentido da existência, corroborada pela diversidade e pluralidade<sup>15</sup> de fontes de significado, pois, como afirma Weber,

Quanto mais o mundo da economia capitalista moderna segue suas próprias leis imanentes, tanto menos acessível é a qualquer relação imaginável com uma ética religiosa de fraternidade. Quanto mais racional, e portanto impessoal, se torna o capitalismo, tanto mais ocorre isso. (1974c, p. 379-380).

Considerando que o processo de racionalização é inconcluso e continua a expandir-se indefinidamente, em todos os aspectos da vida humana, que o espaço ficará destinado à religião num mundo desencantado? Segundo Weber,

---

<sup>15</sup> Berger e Luckmann dirão que “O pluralismo moderno minou o monopólio das instituições religiosas.” (2012, p. 63).



O resultado geral da forma moderna de racionalizar totalmente a concepção do mundo e do modo de vida, teórica e praticamente, de forma intencional, foi desviar a religião para o mundo do irracional [...]. Além disso, os elementos irracionais na racionalização da realidade foram os *loci* para os quais a irrepreensível busca da posse de valores sobrenaturais pelo intelectualismo foi forçada a se retirar. Isso ocorreu principalmente na medida em que mais destituído de irracionalidade o mundo parece ser. A unidade da imagem primitiva do mundo, em que tudo era mágica concreta, tendeu a dividir-se em conhecimento racional e domínio da natureza, de um lado, e em experiências 'místicas', do outro. O conteúdo inexprimível dessas experiências continua sendo o único além possível, acrescido ao mecanismo de um mundo sem deuses. De fato, o além continua sendo um reino incorpóreo e metafísico, no qual os indivíduos possuem intimamente o sagrado. Quando se chegou a essa conclusão sem nenhum resíduo, o indivíduo pode continuar sua busca da salvação apenas como indivíduo. (WEBER, 1974c, p. 324-325).

Como pode ser visto, o processo de racionalização, que trouxe como consequência o desencantamento do mundo, não reservou espaço para a religião na modernidade, senão no regaço da subjetividade. Por conseguinte, cindida que está em sua constituição simbólica, a busca pelo sentido da existência na sociedade moderna despertou formas tradicionais de apelo ao sagrado, que emula as sociedades tradicionais. Isto é, por ter perdido a precedência normativa da organização simbólica da sociedade, a religião tendeu, paradoxalmente, para o mítico e o irracional, segundo Weber.

### 3 ADORNO E HORKHEIMER: MITO E RELIGIÃO

A tese central da "DE" é que "[...] o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 15). O próprio título da obra faz um jogo com o termo esclarecimento e o remete à ideia de luz, "Iluminismo", no sentido hegeliano de "sol nascente", de um "novo tempo". Ao mesmo tempo, subjaz a ideia da saída das trevas da ignorância para a luz do conhecimento, que, em Kant (1995, p. 11), significa "a conquista da maioridade", da autonomia que dispensa o concurso da autoridade externa na tomada de decisão: *Sapere aude!* No entanto, para Adorno e Horkheimer, a razão esclarecida traz consigo o germe de sua própria negação, ou seja, a denegação do seu outro: o mito; a irracionalidade.



Em Weber, o desencantamento do mundo é visto como um processo, tipicamente ocidental, que é analisado em comparação com outras culturas. Daí sua indagação: por que na China e na Índia o desenvolvimento da ciência, das artes, da política ou da economia não ascendeu ao “[...] mesmo grau de racionalização que é peculiar ao Ocidente?” (WEBER, 1997, p. 11). Isso porque ele é refratário a pensar a história das sociedades subordinada a um único processo. Já em a “DE”, o móvel da reflexão está subsumido a uma reconstrução genealógica do processo de racionalização a qual está circunscrita à própria constituição do sujeito.

Para Adorno e Horkheimer, o Esclarecimento é também o resultado de um longo processo mediante o qual o sujeito empreendeu uma odisseia para se libertar do encantamento das forças míticas, das quais ele era prisioneiro desde as origens. Por conseguinte, a história da subjetividade deve ser contada ou cantada, como nos versos de Homero, como uma fuga em face da violência das potências míticas na direção à pátria sonhada. No entanto, o percurso, que estava aparentemente delineado, revelou-se como um labirinto do qual a subjetividade deve lutar para poder escapar das teias dos encantamentos. O único recurso que lhe resta é o artifício da astúcia, singular arma que lhe pode assegurar a constituição da própria identidade, sob pena de ficar prisioneira do encanto e da irracionalidade do mito.

Como a libertação, no entanto, não se deu de forma plena e os deuses sempre irão reivindicar os seus direitos, o indivíduo é como que constantemente compungido a regressar às origens, das quais retorna mediante o sacrifício simbólico que o resgata da maldição imposta pelo mito, em virtude de ele ter empreendido sua própria fuga. Essa pseudorealização da libertação representa, para Adorno e Horkheimer, a prova de que o Iluminismo permanece refém da potência mítica, o que comprova, por um lado, a sua recaída na mitologia e, por outro, que ele não atingiu plenamente a sua realização: “O esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia. Todo conteúdo, ele recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los ele cai na órbita do mito.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 26). O poder da palavra que conjurava as forças da natureza e o livrava do encantamento volta-se contra aquele que a pronuncia, pois exige o cumprimento rigoroso da fórmula mágica e o torna prisioneiro do seu próprio feitiço.



Em cada etapa de errância da odisseia da consciência, ela se sente atraída pelas origens de cujo encanto pretende escapar ilesa. Ela sabe que terá que travar uma luta mortal com a natureza para poder afirmar a sua identidade, porém o preço que terá que pagar pelo seu resgate será o da renúncia imposta a si mesma, contra a sua natureza. Esse é o preço que o eu se autoimpõe, para conquistar a própria identidade, à medida que se despede da arcaica união com a natureza; tanto da natureza externa quanto da interna: “Com a negação da natureza no homem, não apenas o *telos* da dominação externa da natureza, mas também o *telos* da própria vida se torna confuso e opaco.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 60). No episódio do canto das sereias, a magnitude encenada fala por si mesma. Ao ouvir o canto das sereias, Ulisses, acorrentado ao mastro, encarna

[...] o domínio do homem sobre si mesmo em que se funda o seu ser, é sempre a destruição virtual do sujeito a serviço do qual ele ocorre; pois a substância dominada, oprimida e dissolvida pela autoconservação, nada mais é senão o ser vivo, cujas funções configuram, elas tão somente, as atividades da autoconservação, por conseguinte exatamente aquilo que na verdade devia ser conservado. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 60-61).

Como racionalidade esclarecida, em sua dupla face de Janus, o homem só consegue preservar a identidade conquistada à custa do domínio da natureza exterior – ouve-se o canto, mas a condição de acorrentado o impede de ir até às sereias – e da repressão da natureza interior – o desejo embriagador de possuir as sereias e se deleitar com elas não pode ser satisfeito em razão do sacrifício autoimposto, símbolo da identidade do eu, conquistada.

A “DE”, portanto, remete as fontes do Iluminismo às origens do processo histórico-universal. O desencantamento do mundo moderno como resultado do processo de racionalização, que abarca todas as esferas da sociedade, só aparentemente está realizado. A emancipação do mundo moderno recai sobre ele mesmo como uma ilusão. O controle racional da natureza exterior, inerente ao processo de desenvolvimento das forças produtivas, impõe-se, apenas, pela necessidade de autopreservação.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido o objetivo de livrar os homens do



medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19)

Se tal é a sorte da razão, no tocante à ciência moderna, que se realizou como razão instrumental, destino análogo alcançaram, também, a moral e a arte. Segundo Adorno e Horkheimer, com o desencantamento do mundo, os padrões de orientação ético-religiosos perderam sua força persuasiva. A ciência e a técnica passam a ser o único critério de verdade de orientação normativa: “O fato de ter, não encoberto, mas bradado ao mundo inteiro a impossibilidade de apresentar um argumento de princípio contra o assassinato ateou o ódio com que os progressistas ainda hoje perseguem Sade e Nietzsche.” E mais: eles “Não pretenderam que a razão formalista tivesse uma ligação mais íntima com a moral do que com a imoralidade.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 111).

Quanto à arte, esta ficou-se paralisada e esvaziada de conteúdos crítico e utópico. Assim, ao ser fundida com o entretenimento, destituída do seu caráter de transcendência, reproduz-se na indústria cultural, como mera imitação: não reflete mais o caráter criador da subjetividade do gênio. Desvitalizada de seu poder e separada, em domínios culturais distintos, a razão substancial, agora como razão formal, é assimilada ao poder. Sem a capacidade crítica, a razão renuncia à sua capacidade de se posicionar entre ‘sim’ e ‘não’, gerando uma relação obscura entre o poder e a validade, pois se dispensou da tarefa de se pronunciar sobre a questão de valor, e se volta apenas, para os princípios da autoconservação:

[...] a razão constitui a instância do pensamento calculador que prepara o mundo para os fins da autoconservação e não conhece nenhuma outra função senão a de preservar o objeto a partir de um mero material sensorial como material para a subjugação. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.83)<sup>16</sup>.

Para Adorno e Horkheimer, o Iluminismo saiu derrotado na sua luta contra as forças primitivas do destino, pois o processo de desmitologização traz, em seu seio, a

---

<sup>16</sup> “As mesmas equações dominam a justiça burguesa e a troca mercantil.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.22. É nesse sentido que podemos compreender a afirmação de WEBER: “Na medida em que as operações são racionais, toda ação individual das partes é baseada em cálculo.” (1997, p. 5).



diferenciação de conceitos fundamentais. O mito ainda reserva para si a homogeneidade entre conceito e realidade. A identidade entre a palavra e o objeto é gerada pela própria força integradora do mito, expressa na linguagem. No entanto, a linguagem assimilou-se ao poder, renunciando, dessa forma, à sua força crítica. Com isso, o processo de racionalização vai-se expressar na sua face mais dura, na qual restará ao ser humano a submissão, sem consolo, às forças impessoais do mercado.

Assim, é sob o conceito de razão instrumental que Adorno e Horkheimer afirmam a usurpação da razão pelo entendimento calculador, à medida que esse restringe a diferença entre validade e poder e, ainda, subtrai a diferenciação de conceitos fundamentais que a compreensão moderna do mundo julgava ter conquistado, quando da pretensa superação definitiva do mito.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma das principais preocupações da sociologia de Weber foi a de compreender a ação social, que ele define como sendo qualquer comportamento humano ao qual esteja associado um “sentido subjetivo”. Se o sentido do agir deve ser previamente definido pelo seu autor, então fica explícita a centralidade do sujeito quando das suas escolhas entre as diversas possibilidades de justificação do seu agir, sobretudo a partir do momento em que a modernidade abandonou as formas de explicação metafísico-religiosas do mundo, que conferiam unidade de sentido à vida em sociedade.

Esse entendimento projeta luz sobre o conceito de ação racional com relação a fins, porque ele torna compreensível o modo de agir do sujeito em meio ao processo de racionalização. À medida que esse processo operou uma clivagem no que restou da tradição, o universo simbólico tradicional, constitutivamente de caráter metafísico-religioso, que conferia unidade à própria autocompreensão da civilização ocidental, foi segmentado em esferas de valores autônomas, cabendo ao indivíduo definir, a partir de si mesmo, os critérios de validade das suas escolhas em face da pluralidade das formas de justificação. Ocorre que nenhuma desses domínios, a partir de seus próprios critérios internos de justificação, reúne força suficiente para estabelecer a





unidade simbólica que seja o bastante para compensar a necessidade de sentido, própria à condição antropológica de desamparo do ser humano.

As estruturas que proporcionam algum sentido à forma de organização e de funcionamento de cada esfera social respondem às necessidades que lhes são próprias e têm em vista, apenas, acomodar seus interesses ao lugar que ocupam no espaço público. Com a perda de orientação unívoca assegurada pela religião, o sujeito moderno se depara com um mundo fragmentado cujo sentido por ele reclamado não está em nenhum lugar determinado. Com a desintegração da perspectiva metafísico-religiosa de justificação do mundo restaram uma cultura profana e uma pluralidade de sentidos. Nenhuma instituição substituiu o lugar antes ocupado pela religião, a quem estava reservado o mister de reunir, numa unidade simbólica representativa, as diversas manifestações da cultura. Resta, agora, ao sujeito o desafio de buscar, no âmbito da vida privada, alguma forma de alento às suas interrogações ou mesmo construir, a partir de si mesmo, uma resposta às suas angústias e desejos.

O processo de racionalização ocidental deixou como herança uma sociedade que apostou o seu futuro no conspícuo progresso da ciência e da técnica, ao custo do abandono dos valores tradicionais que davam sentido à existência. No entanto, esse progresso não foi capaz de preencher o vazio deixado pelo recuo da religião, que sempre foi a instituição a conferir sentido à opacidade da existência na sua imediatidade. Talvez por isso Weber tenha lançado um veredicto duro sobre o destino da civilização ocidental:

Se tentarmos construir intelectualmente novas religiões sem uma profecia nova e autêntica, então, num sentido íntimo, resultará alguma coisa semelhante, mas com efeitos ainda piores. E a profecia acadêmica, finalmente, criara apenas seitas fanáticas, mas nunca uma comunidade autêntica. (WEBER, 1974a, p. 182-183).

O veredicto de Adorno e Horkheimer, sobre a condição do indivíduo na sociedade moderna, não é muito diferente do que o de Weber. Decerto, é até mais radical, pois Weber se esforça para estabelecer uma constatação ‘neutra’ e ‘objetiva’ da modernidade (LÖWY, 2014, p. 119). No entanto, para Adorno e Horkheimer, ao contrário, o processo de racionalização chegou ao seu termo e resultou num tipo de razão que a tudo transforma em mercadoria e reifica a própria existência, sobretudo



porque a luta do sujeito para conquistar sua independência em relação à natureza e deixar de ser submisso aos deuses revelou-se um retumbante fracasso. O que se descortina como realidade é que o programa do esclarecimento, que deveria conduzir da obscuridade à plenitude da luz, resultou em barbárie. A razão calculadora não apenas destruiu os mitos, os deuses e a religião. As próprias qualidades humanas caíram sob o encanto da razão instrumental.

No mundo esclarecido, a mitologia invadiu a esfera profana. A existência expurgada dos demônios e de seus descendentes conceituais assume em sua pura naturalidade o caráter numinoso que o mundo de outrora atribuía aos demônios. Sob o título dos fatos brutos, a injustiça social da qual esses provêm é sacramentada hoje como algo eternamente intangível e isso com a mesma segurança com que o curandeiro se fazia sacrossanto sob a proteção de seus deuses. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.40).

Como se vê, tanto para Weber quanto para Adorno e Horkheimer, o processo de racionalização ocidental conduziu a uma forma de vida na qual o homem trava uma luta não mais para controlar as forças da natureza ou exorcizar os deuses e demônios primitivos, mas para debelar a angústia de uma existência carente de sentido.

O que a ética do dever iniciou com o propósito de estabelecer um comportamento no mundo orientado a partir de uma teodiceia, ou seja, de um sentido cuja preocupação residia na própria salvação do puritano, a lógica da economia capitalista fez com que esse mesmo comportamento fosse absorvido pelos mecanismos internos ao sistema, só que agora destituído de sentido. Nas palavras de Weber: “O puritano quis trabalhar no âmbito da vocação; e todos fomos forçados a segui-lo” (1997, p. 130); ao que arremata Adorno e Horkheimer, a respeito da lógica da economia capitalista cuja meta é expandir o seu domínio sobre toda sociedade: “para sua administração não só não precisa mais dos reis como também dos burgueses: agora ela só precisa de todos.” (ADORNO; HORKHEIMER 1985, p. 52). Sob esses aspectos, tanto em relação a Weber quanto a Adorno e Horkheimer, poderia ser afirmado que o processo de racionalização atingiu plenamente a sua meta: o mundo foi desencantado; o reino do sem sentido foi inaugurado; a religião deixou de ser a expressão da unidade de sentido da existência e nenhuma outra configuração simbólica de sentido ocupou o seu lugar.



“Desencantar o mundo é destruir o animismo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20), é transformá-lo numa “prisão de ferro” (WEBER, 1997, p. 131), no “mundo administrado”, de Adorno e Horkheimer. É deixar que as equações sejam elas mesmas a medida universal de valor, que o cálculo, para a obtenção do lucro, decida quem deve viver ou morrer; é eliminar “o incomensurável”, erradicar o prosaico da existência e o sentido da transcendência, mesmo sabendo-se que os sentimentos, os desejos, o amor, a fé, jamais estarão submetidos aos critérios formais dos cálculos. Não obstante, por seu turno, essas experiências humanas só terão sentido enquanto expressões da vontade e do desejo individuais. Ao que parece, não é outro senão esse o veredicto de Weber e Adorno e Horkheimer sobre a experiência religiosa nesses tempos modernos avançados, porque, no mundo desencantado, a unidade do sentido da existência, outrora assentada na religião e nas representações metafísicas, foi erradicada, restando a cada um buscar, por si mesmo, algum sentido para a sua vida.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. A orientação do homem moderno. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- COLLIOT-THÉLÈNE, C. **Max Weber e a história**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- HABERMAS, J. **Discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- \_\_\_\_\_. Modernidade - um projeto inacabado. In: ARANTES, Otília; ARANTES, Paulo. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 99-123.
- \_\_\_\_\_. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- \_\_\_\_\_. **The theory of communicative action**. Boston: Beacon Press, 1984. (v. 1).
- HEGEL, G. W. Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é o Iluminismo? In: **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 1995. p. 11-19.
- LADRIÈRE, Jean. **Os desafios da racionalidade: o desafio da ciência e da tecnologia às culturas**. Petrópolis: Vozes, 1979.



LÖWY, Michael. **A jaula de aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARCUSE, Herbert. Industrialização e capitalismo na obra de Max Weber. In: \_\_\_\_\_. **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 113-136.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos de um conceito em Max Weber. 3. ed. São Paulo, Editora 34, 2013.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

\_\_\_\_\_. Religião e sociedade nos últimos vinte anos (1965-1985). **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 15, n. 42, p. 27-47, jan./abr. 1988.

WEBER, Max. A ciência como vocação. In: GERTH, H. H; MILLS, C. Wright. (Org.). **Ensaio de sociologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974a. p. 154-183.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 12. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

\_\_\_\_\_. A psicologia das religiões mundiais. In: GERTH, H. H; MILLS, C. Wright. (Org.). **Ensaio de sociologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974b. p. 309-346.

\_\_\_\_\_. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: GERTH, H. H; MILLS, C. Wright. (Org.). **Ensaio de sociologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974c. p. 371-410.

